

## ENSAIOS SOBRE A AMAZÔNIA: A PRODUÇÃO DO ESPAÇO A PARTIR DO IMAGINÁRIO

Carlos Allan Madureira Cruz<sup>1</sup>

### Resumo

O presente ensaio tem como tese central a análise da produção do espaço em cidades da Amazônia a partir do imaginário, pensando nas práticas espaciais para além da materialidade articuladora de: forma, processo, função e estrutura (Santos 1985). Como metodologia utilizada na presente pesquisa, a fenomenologia tem destaque na compreensão e reinterpretação de concepção do espaço socialmente produzido. O levantamento bibliográfico e o trabalho de campo também determinante na contração metodológica. O estudo está sustentando no aporte teórico de Loureiro (1994), Husserl (2012) e Rancière (2004), entre outros. Os apontamentos levantados neste ensaio, sinteticamente, são a necessidade de reflexão de apropriação do conceito de produção do espaço socialmente produzido que perpassa pelo imaginário do homem e da mulher que vive na Amazônia, neste sentido o papel dos mitos e das lendas exercem centralidade na construção do espaço.

Palavras-chaves: Amazônia; ensaio; imaginário.

---

<sup>1</sup> Graduando em licenciatura plena em geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), formado em técnico em segurança do trabalho (Cesep, 2007), atuando principalmente nos seguintes temas: geografia urbana, geografia agrária, geografia cultural e metodologia do ensino da geografia. E-mail para contato: carlosallanmc@hotmail.com.



## 1. INTRODUÇÃO

A Amazônia sempre foi pensada e planejada pelos gestores estatais de fora para dentro e não de dentro para fora, desde 1960, quando as políticas de integração nacional, ocupação e avanço da fronteira agrícola e industrial trouxeram no seu bojo a ideologia do “vazio” demográfico e então era necessário preencher este “vazio” por meio da migração direcionada pelo Estado brasileiro materializada nos Grandes Projetos estruturantes, que desconsideravam as particularidades das populações autóctones e tradicionais. Na esteira deste processo, o padrão de ocupação primitivo denominado de rio-várzea-floresta, coexiste com o padrão emergente: estrada-terra-firme-subsolo (Gonçalves 2001).

Mediante este contexto surgem cidades “próteses” no meio da floresta (Santos 2001), cidades onde o espaço é formado a partir da externalidade estatal e/ou pela tecnificação do capital dos grandes projetos minerários como é caso das cidades de Marabá e Parauapebas no sudeste do Pará, onde sua dinâmica está demasiadamente atrelada a produção mineral, onde a lógica da produção espacial é capitaneada pelos grandes mercados globais da exploração mineral (Castro 1994).

A Geografia urbana com base no materialismo histórico dialético compreende a produção do espaço pelas categorias elementares; estrutura, processo, função e forma (Santos 1985). A primeira consiste nos aspectos econômicos, sociais, político; a segunda são os dispositivos nos quais movimenta a estrutura, a terceira leva em consideração as finalidades das ações e a última diz respeito a feição espacial que pode ser construída por meio material ou imaterial. (Santos 1985).

A fonte epistemológica de conceituação espacial da geografia urbana sempre esteve atrelada ao meio material, para tanto, surgem as inúmeras classificações de cidades, tais como; cidades empresas, cidades ribeirinhas, da floresta, metrópoles, megalópole, cidades médias, cidades pequenas, entre outras classificações. O que nos faz questionar a produção do espaço apenas pelo viés capitalista e material, dada a complexidade dos fenômenos envolvidos na dimensão imaterial do espaço vivido e socialmente produzido.

## 2. METODOLOGIA

No que tange a metodologia empregada na pesquisa, foi utilizada o levantamento bibliográfico, com a abordagem qualitativa, e a fenomenologia enquanto interpretação da produção do espaço urbano com base no imaginário social e para tanto a tese de doutorado de João de Jesus Paes de Loureiro, intitulada: Cultura Amazônica Uma Poética do Imaginário, fora fundamental, na construção da pesquisa, além do trabalho de campo em cidades como Abaetetuba, Parintins e a comunidade quilombola Pitimandeuá.



### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na contramão do postulado hegemônico de interpretação e classificação espacial com base na materialidade, surge possibilidade de se pensar o espaço a partir do imaginário do amazônida e isso nos remete fundamentalmente aos mitos e lendas da Amazônia, como a cobra grande, o boto, matinta pereira, pois desta região emerge o imaginário que faz da Amazônia uma região singular (Loureiro 1994).

Nesta hermenêutica de análise da produção do espaço a partir da subjetividade fenomenológica dos sujeitos, é que surge a concepção de cidades encantadas na Amazônia a exemplo de Abaetetuba com as suas diversas ilhas que produzem o espaço por intermédio de suas lendas, como a da Cobra Grande, dizem que de baixo do rio reside uma cobra gigante adormecida e que se um dia ela acordar acaba desencantando a cidade de Abaetetuba (Loureiro 1994). Além disso, pode-se notar a possibilidade de classificar uma localidade como lugar “mágico”, é o caso de uma comunidade quilombola chamada de Pitimandeuá, localizada no município de Inhangapi- Pa, onde ainda hoje acontece curas através da medicina alternativa, com uma combinação de técnica ancestral e ortopedia, dando a classificação de lugar “mágico”.

A fenomenologia exerce uma centralidade no entendimento de se visualizar o espaço urbano ou rural para além da materialidade capitalista (Husserl 2012), ou seja, ela é o estudo das essências e de todos os problemas, é a essência da percepção e essência da consciência, sendo uma ambição filosófica de tornar-se uma ciência exata, relatando o espaço, tempo e o mundo vivido, neste sentido as categorias fundamentais da geografia como tempo e espaço são indissociáveis (Carmo 2000).

A apreensão do espaço e do tempo pode ser realizada pela percepção, onde o real precisa obrigatoriamente ser uma experimentação que só pode vir do corpo e do imaginário para poder ser real (Merleau-Ponty 1996).

No mesmo sentido de Loureiro (1994), surge o entendimento de outra classificação de cidade a partir do imaginário, é o caso de cidade “mágica” ou folclórica, ou seja, é aquela cidade que tudo ao redor dela se transforma no sentido emocional e imagético, a exemplo de Parintins no Amazonas, com a tradicional festa dos Bois Caprichoso e Garantido.

Outro ponto importante na construção do espaço por meio da subjetividade é o paradigmático caso da fundação da cidade de Roma, diz a lenda que os dois irmãos Rômulo e Remo ambos filhos do deus grego Ares, os dois foram cuidados por uma loba na infância e já na fase adulta fundaram Roma. Essa é certamente uma lenda mitológica romana que apesar de estar na literatura, pouco é considerada no que se refere à interpretação espacial de Roma (Loureiro 1994).



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Amazônia sempre foi uma região misteriosa, dada a sua complexidade e diversidade natural, e nesta natureza reside uma vasta produção espacial que vem do imaginário da população, mas ao mesmo tempo em que essa produção imagética emerge, a produção do espaço em virtude dos grandes circuitos globais, a exemplo de cidades que se formaram e foram classificadas pela geografia urbana por elementos materiais, no caso em questão a produção mineral.

Os resultados preliminares nos dão indício de se pensar em outras possibilidades de se ver a produção do espaço para além dos aspectos socioeconômicos como faz a geografia urbana, caso contrário corre-se o risco ou simplismo de ver o mundo apenas pelo viés material, cabe ressaltar que muitas cidades na Amazônia não estão ligadas a lógica dos circuitos econômicos, muitas são até mesmo ribeirinhas ou urbanas, mas sem o grau de sofisticação e modernização que outras cidades podem ter (Merleau-Ponty 1980).

Em que pese os mitos e lendas da Amazônia que permeiam o imaginário do povo dessa região, que dão sentido intersubjetivo a produção do espaço seja urbano ou rural, neste contexto surge cidades encantadas e mágicas, está representação a faz das cidades amazônicas a região que ela é rica em produção imagética (Rancière 2004).

#### Referências

- Carmo, P. S. 2000. Merleau-Ponty: uma introdução. São Paulo: Educ. 159 p.
- Castro, E. 1994. Industrialização, transformações sociais e mercado de trabalho. In: *Papers do NAEA n° 023*. Belém: NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. 22 p.
- Husserl, E. 2012. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental: Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 456 p.
- Loureiro, J. J. P. 1994. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP. 440 p.
- Merleau-Ponty, M. 1996. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes. 662p.
- \_\_\_\_\_. 1980. *Textos Escolhidos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.
- Gonçalves, C. W. P. 2001. *Amazônia, Amazônias*. São Paulo: Contexto. 178 p.
- Rancière, J. 2004. *O mestre ignorante: Cinco lições para emancipação intelectual*. 2.ed. São Paulo: Autêntica. 192 p.
- Santos, M. 1985. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel. 118 p.
- \_\_\_\_\_.; Silveira, M. L. 2001a. *O Brasil: Território e Sociedade no início do século 21*. Rio de Janeiro: Record. 473 p.

